

A necessidade do acidente: Lacan e a questão do trauma*

Adela Stoppel de Gueller**

Resumo: O trauma surge nos primórdios da psicanálise para tirar as neuroses do campo das doenças degenerativas do sistema nervoso. Freud situa no seu lugar uma causalidade acidental possibilitando que as contingências históricas singulares adquiram o estatuto de fatores causais determinantes. Lacan retoma essa temática para distinguir o real da realidade e para problematizar o conceito de causa. O surgimento do inconsciente freudiano é situado como uma ferida aberta entre a causa e o que ela afeta. A neurose é a cicatriz que tenta fechar essa ferida. O trauma, com Lacan, deixa de ser um acidente e passa a ser aquilo em torno do qual o sujeito se constitui.

Resumen: En los albores del psicoanálisis, el trauma surge para arrancar a las neurosis del campo de las enfermedades degenerativas del sistema nervioso. Freud sitúa en ese lugar una causalidad accidental que permite que las contingencias históricas singulares adquieran el estatuto de factores causales determinantes. Lacan retoma ese tema para diferenciar a lo real de la realidad y para cuestionar el concepto de causa. El surgimiento del inconsciente freudiano es situado como una herida abierta entre la causa y lo que ella afecta. La neurosis es la cicatriz que intenta cerrar esa herida. El trauma, con Lacan, deja de ser un accidente y pasa a ser aquello alrededor de lo cual el sujeto se constituye.

Palavras- chave: trauma, acaso, real, causa.

Palabras-llave: trauma, azar, real, causa.

* Texto elaborado a partir de palestra proferida na Sociedade Brasileira de Psicanálise, em 22 de junho de 2005. Publicado no livro *Trauma psíquico. Uma leitura Psicanalítica e filosófica da cultura moderna*. França, Maria Olympia, et al. (Organizadores). São Paulo: SBPSP, 2005: 177-199.

Agradeço as cuidadosas leituras de Janete Frochtengarten, Ricardo Goldemberg e Helena Meidani.

** Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Coordenadora do Curso de Especialização em Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae. Membro do Departamento de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae. Professora do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da COGEAE-PUC/SP.

Lacan volta à idéia de trauma dos primeiros textos de Freud para repensar a causalidade e a determinação do sujeito e, por se tratar de causa e de determinação, propõe-se a situar a psicanálise em relação à ciência. Esse caminho, que vai do trauma à ciência, dos gregos, principalmente Aristóteles, até os dias atuais, passando pela instauração da ciência moderna, desemboca na pergunta: “A psicanálise pode ser considerada entre nós como constituindo uma ciência, uma esperança de ciência?” (Lacan, 1989) Mas por que perguntar pela via do trauma, quando parece que o fator determinante é o acaso? Porque Lacan está interessado em re-situar o real e distingui-lo da noção de realidade. Segundo ele, só o real responde ao acaso, que pode ser definido como aquilo que recusa toda idéia de necessidade. O acaso não desobedece a nada, porque foge a qualquer lei. Assim, é procurando os limites da lei, os limites da causalidade, os limites do determinismo que Lacan tenta responder se a psicanálise pode constituir uma ciência. E eis a primeira resposta que encontramos: o que limita a lei é o real, o acaso. Do lado da causa, Lacan situa a lei do significante e, do lado de fora, o real, o acaso, o que é exterior ao campo da linguagem, o que não é possível recobrir completamente pelo significante: o sexo e a morte.

De Lacan a Charcot

Voltemos, então, a Freud. Em seus primeiros textos, ele enfatizou que as neuroses tinham uma configuração accidental. Isso se justificava amplamente na medida em que pretendia separar as neuroses do campo das doenças degenerativas do sistema nervoso – tal como elas tinham sido definidas por Charcot. A esse determinismo, Freud contrapõe o fator accidental, enfatizando que acontecimentos violentos, inesperados ou arrebatadores se inscrevem no psiquismo como traumas causadores de neuroses. Vale lembrar que, para Charcot, os fatores accidentais eram apenas agentes provocadores. Em *Comunicação Preliminar* (1893), Freud e Breuer respondem que “o fator accidental tem, na patologia da histeria, um valor muito mais elevado do que geralmente se aceita ou se reconhece.” (Freud, 1893/1996) A frase final reafirma esse objetivo: “Não fizemos mais do que roçar a etiologia da histeria, ou só pudemos esclarecer, na realidade, as causas das formas adquiridas, ou seja, a importância do fator accidental na neurose.” (Freud, 1893/1996).

Assim, ao buscar a causa e a determinação das neuroses, Freud e Breuer encontraram o que Aristóteles denominou *causa per accidens*, ou seja, aquilo que atua acidentalmente como causa eficiente. Seguindo a categorização de Aristóteles – que Lacan retoma para analisar a questão –, o acidental é aquilo que se opõe ao essencial ou formal (*eidos*), ou seja, aquilo que faz com que uma coisa seja o que é, diferentemente das demais¹. A causa acidental, ao contrário, como princípio de movimento ou de mudança das coisas, é justamente aquilo que está livre de determinações, o que indica as infinitas possibilidades do que pode vir a ocorrer. Por esse motivo, seria ambíguo considerar a causa acidental como um tipo de causalidade, já que a idéia de causa remete à de determinação. A física aristotélica pode ser considerada pré-científica exatamente porque não estabelece uma distinção absoluta entre causalidade necessária e causalidade livre.

O salto dado pela física moderna – e o que a diferencia da aristotélica – foi tentar abolir as noções de acaso, imprevisibilidade e contingência. Em seu lugar, Newton e Galileu construíram um modelo de saber verificável e objetivo que tornava possível a previsão. Os conceitos centrais desse saber, que foi chamado de positivismo científico, são causa e determinação. Ele tem como pressupostos um universo fechado, um ideal de cognoscibilidade completa e a possibilidade de redução do complexo ao elementar (mecanicismo). Sua linguagem, a matemática. Seus modelos, o pêndulo e o sistema planetário. Desde então, acaso, contingência e imprevisibilidade foram associados ao irracional e afastados do universo da ciência, para permitir a construção de um conhecimento previsível e certo.

Por que Freud e Breuer se conformaram com a causa acidental encontrada, se isso poderia comprometer o estatuto científico da psicanálise? Possivelmente porque a causa *per accidens* abria o horizonte para os fatores exógenos (preteridos por Charcot, que destacava os fatores endógenos), ou seja, a realidade externa, e, conseqüentemente, possibilitava um

¹ Na *Metafísica*, Aristóteles distinguiu quatro causas: a formal ou essencial, a eficiente, a final (para que é feita a coisa) e a material (de que é feita a coisa). Dessa classificação, pode-se inferir que Aristóteles pensa a natureza a partir da arte, porque haveria uma primeira referência estética. O exemplo privilegiado é o do escultor, que, a partir de um bloco informe de material, dá existência à escultura, imprimindo na matéria uma forma. A causa final, que o espectador só descobre no final da operação, deve ser concebida como estando presente para o escultor desde o início. Mas isso implica pensar também que, para Aristóteles, a causa não está separada do sujeito. Se Lacan volta até Aristóteles é porque está justamente procurando essa não separação entre causa e sujeito que se efetivou de modo definitivo com a instauração da ciência moderna.

tratamento. Assim, a história singular, em cada caso, podia passar a ocupar o centro da cena. Nessa história, os acidentes seriam os traumas. “Qualquer afeto que provoque os afetos do medo, da angústia, da vergonha ou da dor psíquica pode atuar como um tal trauma”, ou seja, pode produzir uma ferida psíquica, se não se consegue uma descarga adequada por reação motora ou por meio do pensamento associativo (Freud, 1893/1996). O tratamento para a ferida psíquica consistia em possibilitar a descarga que não ocorrera, primeiro pela via da ab-reação; mais tarde, pela via da associação livre.

Lacan retoma essa questão no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1989) e, evidentemente, rediscute a relação entre a psicanálise e a ciência. A fragilidade da psicanálise quando de seu surgimento residia justamente no fato de se ter situado o conceito de trauma na origem das neuroses. Se no começo Freud e Breuer encontraram uma causalidade contingente para as neuroses, Lacan não defende uma causalidade particular à psicanálise, mas assinala a dificuldade de se apreender conceitualmente a noção de causa e, assim, questiona o conceito de causalidade que fundamenta a própria ciência. E o faz apoiando-se nada menos que em Kant, que prosseguiu o trabalho iniciado por Descartes de estabelecer os fundamentos filosóficos para a instauração da ciência moderna². Em sua releitura de Kant, Lacan afirma que, quando procuramos a causa de algo, necessariamente damos um salto, abre-se uma fenda. Chega a dizer que “sempre que falamos em causa, há algo anticonceitual, indefinido”. (Lacan, 1964/1989) Por isso, só existe causa para o que claudica, o que não se explica por si, o que vacila. A causa refere-se a um oco, a uma fenda, a um sulco, a um entalhe, a uma ferida. Pois bem, é exatamente nessa fenda, nessa vacilação tão difícil de apreender que Lacan situa o inconsciente freudiano. Essa virada surpreendente tem conseqüências maiores, porque Lacan se autoriza a muito mais do que procurar um estatuto científico para a psicanálise: ele questiona os fundamentos da ciência que tem como pivô o conceito de causalidade. E ao fazê-lo diante de uma platéia composta por numerosos filósofos, na École de Hautes Études, coloca-se antes de tudo na posição de analista, de alguém que não

² René Descartes (1596-1650), que se atormentava com o problema dos acasos, sonhou com um homem livre do tempo e das contingências e, por esse sonho, foi um dos pioneiros das utopias modernas. Em sua origem, o método dedutivo de Descartes estava à procura de um ponto fixo em torno do qual giraria o conhecimento, que seria traduzido na idéia do *cogito*. Fazendo a distinção entre sujeito e objeto e identificando a causalidade com a verdade, Descartes estabeleceu as bases para a construção do método científico moderna (Brun Lemos, 1992).

recua – o que ele apreendeu da posição ética de Freud. Não recuar perante os filósofos, questionar os fundamentos em que eles apóiam seu saber, apontar o que foi sepultado sob o solo da ciência moderna – eis o salto que Lacan nos impele a dar quando situa o inconsciente freudiano entre a causa e o que ela afeta.

Na vertigem desse salto em queda livre, Lacan faz outra reviravolta ao afirmar: “O que o inconsciente mostra é a fenda onde a neurose se amarra a um real, real que pode não estar determinado.” (Lacan, 1964/1989) E sobrevém a pergunta: a que real ele se refere? Ele não responde ainda, mas desloca a questão: é essa a fenda que se cura numa análise? Primeira resposta: a neurose transforma-se em cicatriz, mas essa cicatriz não é da neurose, é do inconsciente. Pode parecer que nos afastamos muito de nosso ponto de partida, mas vale lembrar que a idéia de trauma deriva do grego *traumatikós*, que significa “ferir”, e que ferida remete a algo que pode ser fechado ou curado, deixando ou não cicatrizes.

Trauma, inconsciente, neurose e cicatriz ficam assim indissolúvelmente amarrados, como quatro tempos inseparáveis. O inconsciente, ou melhor, suas formações (sonhos, atos falhos, esquecimentos, lembranças encobridoras) são a única via pela qual se tem acesso ao trauma. Talvez se possa dizer que o trauma se constitui como um furo, *trou-matisme*³, ao ser contornado pelas formações do inconsciente; como se fosse o umbigo do inconsciente. E o umbigo é uma cicatriz.

Deste ponto, voltemos nosso olhar para trás. Veremos que Lacan nos levou, quase sem que nos déssemos conta disso, a situar o trauma-inconsciente como uma condição estrutural do sujeito. Quase despercebidamente, o trauma deixou de ser o resultado de uma causa acidental. Mas, então, se daqui voltarmos a Charcot, devemos concluir que Lacan se aproximou dele? Com Lacan, poderíamos afirmar novamente que os fatores acidentais são meros agentes provocadores na neurose? Será que, depois de todo esse percurso, retornamos ao ponto de partida? Estaríamos efetivamente no mesmo lugar? Sim e não. Porque, entre o primeiro e o segundo Charcot, existe Freud com suas históricas. Mais ainda, dirá Lacan, existe algo do próprio desejo de Freud que nunca foi analisado, felizmente, porque esse resto que ficou por analisar – espécie de pecado original da psicanálise – é a chama que a mantém viva. Assim, entre a afirmação inicial de Charcot e a retomada atual, a

³ Neologismo criado por Lacan a propósito do trauma.

surpresa, que ao mesmo tempo é fenda, oco e sulco novos, é o surgimento do inconsciente freudiano, objeto específico da psicanálise. E se há efetivamente um objeto novo, pode-se perguntar se há também uma nova ciência que se ocupe dele.

Dito isto, podemos antever que ali onde Freud situou o acidental Lacan situa o necessário. Portanto, o trauma não é contingente, mas necessário à estrutura, à estruturação psíquica, à constituição do sujeito. Ferida constitutiva – ferida narcísica, diria Freud –, que tenta se fechar organizando uma neurose.

Diga-me onde estou

Muitos anos atrás, trabalhei na equipe de psicopatologia infantil de um hospital público em Buenos Aires. Um dia, recebi um jovem de trinta e poucos anos que solicitava atendimento para um garoto de quem dizia ter a guarda provisória. Contou que esse garoto era filho de uma mãe que fora diagnosticada como esquizofrênica e de um pai alcoólatra. A Vara da Infância considerou esse casal inepto para criar filhos e, à medida que ia nascendo, a prole era retirada do lar e enviada a instituições de abrigo. Eles tinham tido 4 ou 5 filhos, não lembro exatamente, cada um dos quais estava num abrigo diferente. O garoto em questão, então com 12 anos, tinha passado por várias instituições, a última das quais era uma espécie de Febem. Constava no seu prontuário ter sofrido agressões físicas e vários abusos sexuais de colegas. Perguntei ao jovem como ele tinha conhecido o garoto, e ele contou que tinha o hábito de, nos finais de semana, percorrer abrigos para conhecer garotos – queria adotar alguém. Aos poucos foi gostando desse menino, ficaram mais próximos, saíam para passear, foram se conhecendo e ele resolveu pedir ao juiz a guarda. O juiz concedeu-lhe a guarda provisória, até a maioridade do garoto. Moravam juntos havia uns meses, ele, sua mãe e o garoto. Mas fazia algum tempo que o garoto começara a empreender algumas fugas, e era isso que levava o jovem a pedir atendimento para o menino. Ele não conseguia entender por que, justamente quando tinha conseguido uma casa, uma família que se ocupasse dele, o garoto fugia (ou talvez fosse mais exato dizer sumia.) Recorria à polícia para buscá-lo e, a cada vez, o garoto era encontrado num lugar diferente, geralmente em favelas, em meio a prostitutas, delinquentes ou drogados. Ele temia pela vida do menino e temia também perder a guarda, se a situação continuasse assim.

À medida que o jovem contava a história, eu ia perdendo o ar. Tinha construído duas hipóteses, mas não conseguia ainda escolher. A primeira hipótese me levava a pensar que o garoto sumia para ser encontrado. Queria produzir uma falta no Outro e se fazia então procurar; espécie de *fort-dá* jogado com o Outro, em que ele mesmo era o carretel. Se ele sumia agora, quando tinha uma casa, era precisamente porque só agora tinha um lugar de onde sumir, tinha um lugar com o qual podia contar porque contava para alguém. Podia então se perder, porque alguém sairia à sua procura. A segunda hipótese, mais pessimista, levava-me a pensar nas desapareições como denúncias de que as intenções do jovem encarregado da guarda não tinham sido tão boas. O que levava esse homem a sair de um lar a outro à procura de um garoto? Nesse caso, o encontro de ambos configurava-se como uma repetição, na linha das neuroses de destino – todos os caminhos conduziam a um mesmo lugar.

No final da entrevista, saí (fugi?) do atendimento. Pedi-lhe que aguardasse uns minutos. Precisava pensar. Conversei com alguns colegas e voltei com a seguinte proposta: eu atenderia o menino com a condição de que ele viesse às consultas acompanhado. O jovem resistiu, disse que estava muito ocupado, que não podia deixar sua loja e que o garoto já andava sozinho pela cidade, mas finalmente aceitou.

Eu não conseguia imaginar o que teria restado daquele garoto; depois de toda aquela história, imaginava o pior. Alguns dias depois, no dia marcado para o atendimento, ouço uma confusão na sala de espera. Era o garoto que tinha chegado, acompanhado de um office-boy, que trabalhava com o jovem. O acompanhante tinha 14 anos, e os dois estavam brincando, se divertindo, bagunçando com tudo que encontravam na sala de espera do hospital. A surpresa foi boa – o menino era alegre e brincalhão.

Depois de algum tempo de atendimento, as fugas/desaparições mudaram significativamente. Ele passou a telefonar para o encarregado de sua guarda e a lhe dizer: “Diga-me onde estou.” O jovem ficava desesperado e replicava “Mas como? É você quem tem que me dizer”. Depois ia se acalmando, pedindo referências como “me diga o que você está vendo”, até localizar o menino, para poder ir ao seu encontro. O grande passo não era que agora se podia dispensar a polícia, mas que o sujeito tinha finalmente se constituído. Por que penso que só aí se constitui o sujeito? Porque o que vemos surgir nesse momento é

o segundo tempo do trauma – a passagem pelo inconsciente, a passagem pelo Outro, um Outro que o sujeito supõe que sabe e que pode responder. Esse tempo é a passagem pelo inconsciente, que surge no preciso instante em que o garoto diz “Diga-me onde estou”. Poderíamos entender esse apelo como “Eu não sei onde estou, mas você sabe”. Surge um Outro que sabe, a quem o sujeito endereça sua interrogação. O sujeito surge dividido entre o “você sabe” e o “eu não sei onde estou” e consegue lançar uma corda que alcança o outro, enlaçando-o: eu me faço encontrar. A partir daí, esse outro que escuta pode replicar: é você mesmo quem tem que me dizer, ou seja, é você o único que pode dizer. O saber é do Outro e não do outro – basta falar. Por isso, Lacan diz que o papel de quem escuta é fazer com que a própria mensagem volte invertida. É só nessa volta que o sujeito pode ouvir que disse mais do que supõe que sabe – daí que nessa passagem se produza uma fenda que divide e constitui o sujeito como divisão.

Se essa pequena mudança marcada pelos telefonemas é decisiva – se ela marca o surgimento do sujeito –, é porque nos permite distinguir as fugas/sumiços iniciais como inconsciência, das posteriores, que se endereçam ao Outro e pressupõem um saber inconsciente. No primeiro tempo, havia ausência de sujeito e ausência de angústia ou, poderíamos dizer também, o sujeito estava em posição de objeto e a angústia situava-se do lado do outro, o jovem que cuidava do menino. Portanto, o tempo que separa a percepção das coisas e a possibilidade de nomeá-las seria igualmente o tempo de latência que separa o trauma do saber ou, em termos freudianos, a percepção da consciência. Assim, diz Lacan, é preciso não esquecer que entre percepção e consciência existe o Outro, lugar onde o sujeito se constitui. (Lacan, 1964) “Diga-me onde estou” é também diga-me onde sou – na favela ou na sua casa? Qual é meu lugar, qual é minha identidade?

Só quando o sujeito estabelece uma relação com um outro que escuta o trauma pode se subjetivar e, simultaneamente, tornar-se real. Só quando conta para alguém, o sujeito pode acreditar no que aconteceu e angustiar-se. Só quando pede socorro é que ele sabe que estava realmente perdido. “O grito não se perfila sobre a tela de fundo do silêncio, mas, ao contrário, o faz surgir como silêncio.” (Lacan, 1964/1989) Podemos então avançar mais um passo e dizer que a relação entre trauma e transferência é estrutural.

Nesse momento, o menino começa a me dizer que fugia porque queria encontrar seus irmãos, que estavam dispersos. Achava que era ele que tinha que encontrá-los e reuni-los. E começa a tecer uma narrativa no contexto do mito individual que se constrói em uma análise, e cuja inscrição pode atravessar gerações. A importância dessa narrativa é que só a partir dela ou da produção de um sonho ou de um ato falho o sujeito consegue transportar um fato real para o mundo ficcional, e é só quando isso acontece que se pode afirmar que o que aconteceu realmente aconteceu. Só agora ele *ex-siste*⁴ para o sujeito. *Ex-siste* porque o sujeito pode dizer “Isso aconteceu comigo” e, com isso, acreditar que as coisas realmente aconteceram. Por paradoxal que pareça, o mundo ficcional permite que se instaure o princípio de realidade. Por isso, Lacan pôde dizer que a “verdade tem estrutura de ficção”. Para que algo seja real para o sujeito e para que esse real fale de uma verdade que diga respeito ao sujeito, ele tem que acreditar nisso, e nem o acontecimento, nem a vivência são suficientes para tanto. Só na medida em que pode contá-lo a alguém o sujeito entra na conta, passando de contado a contador – entra dividido entre suas posições de objeto e de narrador. É por isso que não há uma coincidência imediata entre a verdade e a realidade. Para que esse laço se estabeleça, precisamos de um tempo – tempo necessário para que se construa uma estrutura de ficção que se interponha entre o acontecido e a narração, ou seja, precisamos que o que aconteceu passe pelo inconsciente. Por isso, o segundo tempo do trauma é constitutivo – e Freud pôde dizer que era esse segundo tempo o que constituía o primeiro acontecimento como traumático. “Constatamos invariavelmente que se recalcam lembranças que só com efeito retardado (*nachträglich*) se tornaram traumas.” (Freud (1950 [1895]/1996). Lacan se apóia nessas afirmações de Freud, já presentes no *Projeto* (1895), para extrair delas todas as conseqüências.

A ênfase de Lacan ao *nachträglichkeit* freudiano redireciona o sentido que a *deferred action* da tradução inglesa tinha acentuado. Esse destaque implicava um determinismo linear e evolutivo, um intervalo entre a estimulação e a resposta, que levava a pensar que era o retardo da resposta que causava a neurose. Lacan, entretanto, insiste em considerar uma temporalidade própria do psíquico, valendo-se para isso da tradução do *nachträglichkeit* por *après-coup*, usualmente traduzido para o português como *só-depois*.

⁴ Lacan separa o prefixo “ex” para sublinhar o significado de “movimento para fora” que o termo comporta.

Essa leitura sublinha a inversão da linearidade temporal, na qual o termo segundo é primeiro, se lido em termos causais. O segundo tempo do trauma constitui *a posteriori* o primeiro momento como um acontecimento. Essa modalidade temporal bebe da fonte do funcionamento da linguagem, onde só a pontuação – o *ponto de basta*⁵ – produz sentido por retroação. Com essa metáfora “colchoeira”, Lacan conota a relação periódica que se institui entre o significante e o significado. Se “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”, não é estranho que o modo de funcionamento da linguagem forneça um modelo para pensar a temporalidade do psiquismo, ou que Lacan trate da linguagem e do inconsciente como de uma única questão. Nesse caso, não se trata de um modelo, mas da especificação do modo de funcionamento do novo objeto que se tenta circunscrever – o inconsciente. Se o conceito de causalidade não é específico da psicanálise, penso que o de temporalidade é. Há uma temporalidade do inconsciente que, embora não lhe seja exclusiva, difere da causalidade linear. Se essa temporalidade não é exclusiva é porque é comum à linguagem – o sentido e a determinação configurando-se sempre de modo retroativo.

Contudo, a riqueza da expressão francesa *après-coup* admite outros sentidos importantes para pensar a questão do trauma. *Après-coup* pode ser traduzido como após-golpe, após-ferida e também como após-corte. A esse corte produzido pela ruptura, pela fenda do *unbewusste*⁶, do inconsciente, Lacan denominou *traço unário*, para distingui-lo do *un* da unificação imaginária. O inconsciente é a fenda pela qual algo sai à luz por um instante e que volta a se fechar imediatamente. O golpe e a ferida se aproximam etimologicamente do trauma, mas também do acaso como *tiquê*, palavra grega que tanto significa “ter boa ou má sorte” como, em sua forma verbal, “encontrar por acaso”, “alcançar o propósito” e também “ferir”, “sofrer” (violência), “encontrar-se”, “estar por acaso” e ainda “encontrar” (a morte), “ocorrer”, “produzir-se”.

⁵ O *ponto de basta* ou *capitoné* é um ponto de costura que os antigos colchões tinham, a intervalos regulares, mantendo firme sua estrutura.

⁶ Lacan corta *unbewusste* para brincar com o prefixo *un*. A idéia é substituir a conotação negativa correspondente ao nosso prefixo *in* pela positividade do *un* do traço unário.

Aristóteles por Lacan: *tiquê* e *autômaton*

Em sua investigação sobre as causas, Aristóteles inclui a *tiquê* e o *autômaton* entre as causas acidentais. Para os gregos, a *tiquê* referia-se à deusa Fortuna, responsável por uma série causal, feliz ou infeliz para o homem. Para Aristóteles, a *tiquê* está compreendida no *autômaton*, que podemos traduzir pelo nosso *acaso*. A *tiquê*, diz ele, tem relação com as coisas produzidas, seja pela inteligência, seja pela natureza, com vistas a um fim determinado, mesmo que não esteja ao alcance do homem.

O *autômaton* é aquilo que se produz à margem da natureza, tem a causa fora de si e está privado de finalidade natural. Por isso, *autômaton* designa algo que se move por si mesmo, donde, mais tarde, a idéia de autômato e a de automatismo. Mas, em Aristóteles, *autômaton* designa também o que é “em vão”, ou seja, aquilo que visa um fim determinado e não o alcança. A *tiquê*, ao contrário, sempre alcança seu fim e por isso está ligada à idéia de encontro, seja ele feliz ou infeliz.

Lacan traduz a *tiquê* aristotélica por “encontro com o real” e o *autômaton*, por “o retorno dos signos a que nos submete o princípio do prazer” e que garante a constituição do inconsciente, os pensamentos inconscientes, que ele identificará com a rede de significantes. (Lacan, 1964/1989) Distingue ainda esse retorno – o retorno do recalcado – da repetição traumática, que não se justifica pelo princípio do prazer. Nos sonhos repetidos das neuroses traumáticas, trata-se de ligação de energia, de dominar o acontecimento doloroso. Mas quem domina e quem deve ser dominado? – pergunta Lacan. Aqui, há um ponto que o sujeito só pode abordar dividindo-se a si mesmo num certo número de instâncias⁷ (Lacan, 1964/1989)

De acordo com Lacan, se o encontro com o real se apresentou pela primeira vez a Freud sob a forma de trauma, é justamente pelo que o trauma tem de inassimilável. O que não

⁷ Seguindo o modelo da carta 52: as percepções correspondem à experiência pura, ao encontro com o real. A inscrição dos signos de percepção produz uma primeira cifração, sucessiva ao recalque originário. Trata-se do registro das primeiras inscrições, que Lacan define como o mais próximo do significante. Esses signos, que Freud descreve como ordenados só pela simultaneidade, são equiparados por Lacan à sincronia significante. O registro seguinte é o do inconsciente, em que Freud fala em ordenamento causal, e Lacan esclarece que essa é a fenda causal que ele pretende situar. Ali se produz uma primeira decifração. O inconsciente em suas formações – sintoma, sonho, lapso ou chiste – procede por interpretações. As primeiras decifrações/interpretações são os sintomas da neurose da infância. Na adolescência e na fase adulta, haverá as novas formações sintomáticas, as novas decifrações, produzidas pelo encontro com o outro que *après-coup* transformam o antecedente num acontecimento (Freud, 1950 [1892-99]/1996). [VER]

pode ser nomeado é o trauma, por isso Lacan o identifica com “a coisa” da linguagem, o *das ding* do *Projeto*, de Freud⁸. Contudo, isso será cindido e tamponado pela “homeostase subjetivante que orienta todo o funcionamento definido pelo princípio do prazer”. (Lacan, 1964/1989)

Mas eis que os sonhos podem fazer surgir repetidamente o trauma, às vezes não de imediato, mas através de uma tela que assinala que o real está por trás, à espera, à espreita.

O sonho e o real

Dentre tantos outros trabalhados por Freud na *A interpretação dos sonhos*, Lacan analisa o sonho do pai velando seu filho, porque nele aparece a identidade de percepção entre a realidade exterior e o real, entre a vela que cai sobre o corpo do filho que está queimando e o sonho que o sonhador faz para não despertar. Esse sonho, que parece contradizer a tese da realização de desejos da *Traumdeutung*, leva Freud a postular uma função secundária em que intervém o pré-consciente, que é o desejo de continuar dormindo. Nesse sentido, o sonho é o guardião do sono. Freud escreve:

“(…) um pai estivera de vigília à cabeceira do leito de seu filho enfermo por dias e noites a fio. Após a morte do menino, ele foi para o quarto contíguo para descansar, mas deixou a porta aberta, de maneira a poder enxergar de seu quarto o aposento em que jazia o corpo do filho, com velas altas a seu redor. Um velho fora encarregado de velá-lo e se sentou ao lado do corpo, murmurando preces. Após algumas horas de sono, o pai sonhou que *seu filho estava de pé junto a sua cama, que o tomou pelo braço e lhe sussurrou, em tom de censura: ‘Pai, não vês que estou queimando?’*” Ele acordou, notou um clarão intenso no quarto contíguo, correu até lá e constatou que o velho vigia caíra no sono e que a mortalha e um dos braços do cadáver de seu amado filho tinham sido queimados por uma vela acesa que tombara sobre eles. (Freud, 1900 [1899]/1996).

⁸ A primeira cena traumática é a do encontro do *infans* com o Outro da linguagem, cena sexual vivida passivamente. Pela ótica do trauma, a mãe ou a pessoa encarregada dos cuidados com a criança é a “primeira sedutora” e a sexualidade está inicialmente no campo do Outro. A sexualidade infantil organiza-se em torno das superfícies do corpo e dos órgãos em que se dão as trocas com o Outro que se ocupa da criança. A sedução é, portanto, inevitável; ela constitui o corpo como corpo erógeno e, ao mesmo tempo, situa o desejo do Outro como um enigma a ser decifrado pelo sujeito.

Freud diz que o conteúdo do sonho deve ter sido sobredeterminado e que as palavras proferidas pelo menino devem ter sido compostas de expressões que ele realmente proferira em vida e que estavam ligadas a acontecimentos importantes no espírito do pai. Por exemplo, “Estou queimando” pode ter sido dito em meio à febre da doença fatal da criança e “Pai, não vê?” talvez tenha derivado de alguma outra situação altamente carregada de afeto que nos é desconhecida. Mas a pergunta de Freud é: “por que teria um sonho ocorrido em tais circunstâncias, quando se fazia necessário o mais rápido despertar possível?” E responde:

“(…) observaremos que também esse sonho abrigou a realização de um desejo. O filho morto comportou-se no sonho como vivo; ele próprio advertiu o pai, veio até sua cama e o segurou pelo braço, tal como provavelmente o fizera na ocasião de cuja lembrança se originou a primeira parte das palavras da criança no sonho. Em nome da realização desse desejo, o pai prolongou seu sono por um momento. O sonho foi preferido a uma reflexão desperta, porque podia mostrar o menino vivo outra vez. Se o pai tivesse primeiro acordado, e depois feito a inferência que o levou a ir até o quarto contíguo, teria, por assim dizer, abreviado a vida de seu filho por esse breve lapso de tempo.” (Freud, 1900 [1899]/1996)

Lacan se faz a pergunta inversa, isto é, em vez de querer saber por que o pai continua dormindo, pergunta-se o que o desperta⁹. E responde: não é a outra realidade enunciada na voz da criança que interpela o pai dizendo-lhe “Não vê que estou queimando?” Onde está, nesse sonho, a realidade, a não ser em que se repete algo, mais terrível, com a ajuda da realidade? Nessa visão terrível, da criança pegando o pai pelo braço, o desejo atualiza a perda do objeto no seu ponto mais cruel. Por isso, essa frase, arrancada ao pai em seu sofrimento, é ela mesma uma brasa que queima tudo o que toca e, se não vemos o que queima, é porque estamos cegos, deslumbrados perante o fato de que o fogo atingiu o real. Se o despertar mostra o despertar da consciência do sujeito na representação do sucedido, o sonho aparece como o reverso da representação. Entre o que se refere ao sujeito – no sonho, a imagem do filho que se aproxima com um olhar de reprovação – e aquilo que o causa – a voz da criança que invoca seu olhar: “Pai, acaso não vê...?” –, surge o sujeito dividido, numa divisão que persistirá depois do despertar. Por trás de “Que idiota, esse que

⁹ Aliás, na análise do sonho da injeção de Irma, sonho inaugural da psicanálise, o que Lacan se pergunta é por que Freud não desperta (Lacan, 1954-55/1983)

dormiu. Que pesadelo, isso que está acontecendo”, a consciência volta a montar uma trama e se recupera, sabendo, porém, sem precisar se beliscar, que isso não é sonho, isso é real. Ninguém pode dizer o que é a morte de uma criança, a não ser um pai enquanto pai, ou seja, nenhum ser consciente. (Lacan, 1964/1989)

Lacan associa a continuação, falando autobiograficamente:

Eu também vi, com meus próprios olhos, abertos pela adivinhação materna, a criança, traumatizada porque partia apesar do chamado que precocemente ela tinha esboçado com a voz, e que depois não voltou a repetir durante meses inteiros. Eu a vi, ainda muito tempo depois, quando a pegava nos braços, apoiar sua cabeça no meu ombro para cair no sono, que era o único que podia voltar a dar-lhe acesso ao significante vivente que era eu desde a data do trauma. (Lacan, 1964/1989)

Eu também vi partir aquele garoto, depois de dois anos de atendimento. Na sua última sessão, passou o tempo inteiro desenhando com muita dedicação um monstro atroz, cheio de marcas. Quando acabou o desenho, deixou-o comigo e me disse “tchau”. O trauma tinha sido contornado e ainda passado adiante.

O sonho *Pai não vê*... não faz parte dos sonhos do próprio Freud. Quem lhe contou foi uma paciente que tomou conhecimento dele em uma conferência sobre sonhos: “(...) sua origem real ainda me é desconhecida”, diz Freud. “Seu conteúdo impressionou essa dama, que não demorou a ‘ressonhá-lo’, ou seja, a repetir alguns de seus elementos num sonho dela própria, a fim de expressar, por meio dessa transferência, uma concordância com ele num determinado ponto.” (Freud, 1900 [1899]/1996)

Esse curioso comentário de Freud me fez pensar na relação entre trauma, transmissão e progresso. Contrariamente à idéia que liga o trauma à fixação e à regressão, parece que, com Lacan, podemos relacionar o trauma ao que se transmite de um outro a um outro, passando pelo Outro. “O acidente, o tropeço da *tiquê* anima o desenvolvimento por inteiro (...) e tem uma função organizadora no desenvolvimento.” (Lacan, 1964/1989)

Por interromperem a homeostase subjetivante do princípio do prazer, os encontros inesperados, os encontros falhos, as “mancadas” abrem uma fenda que empurra para o além. O sujeito pode ficar paralisado por algum tempo, pode tentar voltar atrás, mas, para fechar a ferida, terá que contorná-la, mesmo que isso deixe uma cicatriz.

Adela Stoppel de Gueller

adelastoppel@terra.com.br

Rua Dr. Homem de Melo 736. Perdizes. São Paulo. CEP 05007-002

(11) xx 3865-2370

(11) xx 3864-8702

Referências:

ARISTÓTELES. (1977). *Física e metafísica*. Obras. Madrid: Aguilar, 1977.

ARRIVÉ, M. (1999). *Linguagem e psicanálise. Lingüística e inconsciente. Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

BRUN LEMOS, M. A. (1992). *Reinventando o labirinto. O acaso na ciência e a crítica a modernidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de comunicação e semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CARUTH, C. Modalidades do despertar traumático (Freud, Lacan e a ética da memória). In: A. Nestrovski. e M. Seligmann-Silva (Orgs.) (2000). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta.

FREUD, S. (1996). *Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos: comunicación preliminar (Breuer y Freud)(1893)*. Obras Completas. Vol. II. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____ (1996). *Fragmentos de la correspondencia con Fliess (1950 [1892-99])*. Obras Completas. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____ (1996). *Las Neuropsicosis de defensa (1894)*. Obras Completas. Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu.

_____ (1996). *Proyecto de psicología (1950 [1895])*. Obras Completas. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____ (1996). *La interpretación de los sueños (1900 [1899])*. Obras Completas. Vol. V. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

KANT, I. (1781, 2ª ed. 1787/1985). *Crítica da Razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

LACAN, J. (1983). *El Seminario de J. Lacan, Libro II : El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica 1954-55*. Buenos Aires: Paidós, 1983.

_____ (1987). *El Seminario de J. Lacan, Libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis 1964*. Buenos Aires: Paidós, 1989.

LAPLANCHE, J. y PONTALIS, J.-B. (1974). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Labor.

MIELI, P. (2002). Os tempos do trauma. *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos*. Rio de Janeiro: Contracapa.

PABÓN DE URUBINA, J. M. (1968). *Diccionario Manual. Griego-Español*. Barcelona: Vox.

POMMIER, G. (1996). *Transferencia y estructuras clínicas*. Buenos Aires: Kliné.

POPPER, K. (1988). *O Universo aberto. Pós-escrito à lógica da descoberta científica*. Vol. II. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

SALAFIA, A. *Posición del analista ante la angustia y las neurosis actuales*. (<http://www.psicomundo.com/argentina/alvear2002/safafia.htm>)

STOPPEL DE GUELLER, A. (1995). *Acaso e psicanálise*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

_____ (1997). A psicanálise no debate da epistemologia contemporânea: determinismo ou indeterminação? *Psicologia Revista*, São Paulo, 4, 27-36, maio.